

Memória e trauma psíquico no romance *Spider*: um diálogo entre Patrick McGrath e Sigmund Freud

*Memory and psychic trauma in the novel Spider:
a dialogue between Patrick McGrath and
Sigmund Freud*

*Leonardo Ferreira Almada*¹

*Rodrigo Sanches Peres*²

RESUMO

A interlocução entre a Psicanálise e a Literatura continua sendo potencialmente profícua para ambas as partes. Assumindo tal assertiva, o presente estudo tem como objetivos: (i) investigar a articulação entre memória e trauma psíquico no romance *Spider*, do escritor britânico Patrick McGrath, e (ii) relacioná-la às formulações de Sigmund Freud sobre tais temas e, adicionalmente, sobre elaboração psíquica, nos limites da primeira tópica, o que implica em não contemplar o *tournant* de 1920. Em linhas gerais, defendemos que, de *Spider*, depreende-se que para McGrath, a memória não possui uma natureza meramente evocativa, o que foi evidenciado por Freud desde seus textos iniciais. Além disso, compreendemos que o escritor britânico sublinha a questão da intensidade mobilizada por um trauma psíquico, semelhante ao que o pai da Psicanálise faz, com a diferença de que não se orienta pela dicotomia interno-externo. As aproximações aqui operacionalizadas entre McGrath e Freud indicam a existência de similaridades significativas entre o entendimento dos referidos autores sobre a mente humana.

1 Universidade Federal de Uberlândia (UFU), umamenteconsciente@gmail.com.

2 Universidade Federal de Uberlândia (UFU), rodrigossanchesperes@ufu.br.

Palavras-chave: Psicanálise; Literatura, Narrativa.

ABSTRACT

The dialogue between Psychoanalysis and Literature continues to be potentially fruitful for both fields. Based on this premise, this study aims to: (i) investigate the articulation between memory and psychic trauma in the novel *Spider*, by the British writer Patrick McGrath, and (ii) relate it to Sigmund Freud's formulations on such themes and, additionally, on psychic elaboration, within the limits of the first topic, that is, without considering the 1920 tournant. Overall, we argue that, McGrath's work suggests that memory does not have a merely evocative nature, which was evidenced by Freud **in** his early texts. Furthermore, we understand that the British writer emphasizes the issue of the intensity mobilized by a psychic trauma, while the father of Psychoanalysis also does so, with the difference that he is not guided by the internal-external dichotomy. The **parallels drawn** here between McGrath and Freud indicate the existence of significant similarities between the understanding of the human mind of the aforementioned authors.

Keywords: Psychoanalysis; Literature; Narrative.

Introdução

164

As aproximações estabelecidas por Sigmund Freud (1856-1939) entre a Psicanálise e a Literatura contribuíram para o desenvolvimento de uma visão original sobre o ser humano, segundo a qual somos movidos, predominantemente, por forças que não operam em nossa própria consciência. Isso fica claro quando se leva em conta que um dos conceitos de maior relevância no arcabouço teórico psicanalítico – o complexo de Édipo, circunscrito mais pormenorizadamente em *Totem e tabu* (Freud, 1996/1913) – se alicerça no drama do protagonista da clássica tragédia de Sófocles. Além disso, Freud se valeu de personagens de Shakespeare, como Hamlet e Lady Macbeth, para explorar uma diversidade de processos mentais, como se nota em *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1996/1900) e *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico* (Freud, 1996/1916).

Vários outros exemplos poderiam ser citados no sentido de realçar que, como observou Teixeira (2005), o advento da Psicanálise se beneficiou significativamente das incursões literárias de Freud. Porém, nos limitaremos a sublinhar, acompanhando Rabaté (2017), que, na atualidade, a interlocução

entre a Psicanálise e a Literatura continua sendo potencialmente profícua para ambas as partes. Assumindo tal assertiva, o presente estudo tem como objetivos: (i) investigar a articulação entre memória e trauma psíquico no romance *Spider*, do escritor britânico Patrick McGrath (1950-), e (ii) relacioná-la às formulações freudianas sobre tais temas e, adicionalmente, sobre elaboração psíquica, nos limites da primeira tópica, ou seja, sem contemplar o *tournant* de 1920. Vale destacar que o longa-metragem derivado do livro em questão foi objeto de reflexões psicanalíticas em um interessante artigo assinado por Susin (2010), o qual, contudo, centrou-se no exame da psicopatologia do protagonista, o que o difere da proposta do presente trabalho.

Desenvolvimento

Memória e trauma psíquico no romance *Spider*

Em 1990, McGrath – que também assina *The grotesque*, *Dr. Haggard's disease* e *Asylum*, dentre outros – publica *Spider*, livro que, em comum com obras anteriores e posteriores, está repleto de elementos misteriosos, densos e sombrios, os quais justificam sua indexação literária à ficção gótica. Conhecido por seu envolvimento com o universo psicológico de seus personagens, o autor se engaja proeminentemente com temáticas relativas à “loucura”, lançando mão, para tanto: (i) de intensidade emocional, (ii) de narradores não-confiáveis, (iii) da ambiguidade perceptiva dos personagens quanto aos limites entre fantasia e realidade, (iv) da hesitação moral em relação às fronteiras entre o bem e o mal e (v) da exploração do lado obscuro da natureza humana, com ênfase na manipulação e na crueldade.

McGrath é um romancista capaz de despertar interesse em discussões teóricas concernentes à Psicologia, não apenas pela riqueza descritiva com que apresenta a psicodinâmica de mentes colapsadas, mas, também, pela capacidade de problematizar as instituições de saúde mental. Conforme Noad (2020), “os retratos fictícios da loucura por parte de Patrick McGrath refletem os medos do final do século XX e do início do século XXI sobre a desinstitucionalização”, o que remete, no âmbito do Reino Unido, à Lei de Saúde Mental, de 1959, e ao subsequente fechamento generalizado de manicômios (p. 73, tradução nossa). Com efeito, uma das características do texto do escritor britânico é a figuração da “loucura” em sintonia com as atividades terapêuticas às quais o “louco” está sujeito (Foley; Duncan, 2020).

O recurso a imagens góticas desorientadoras e violentas e a uma perspectiva pessimista em relação ao prognóstico de quem vive em sofrimento psíquico severo está alinhado à compreensão do autor britânico de que o “conceito de transtornos mentais serve como um critério de marginalização” (Noad, 2020, p. 73; tradução nossa). Dessa maneira, parece razoável considerar

que, tal como ocorre com seus outros romances da década de 1990, *Spider* se destaca pelo escrutínio da fragmentação psíquica supostamente própria da “loucura” e por suas representações críticas dos processos terapêuticos executados sob a égide do paradigma biologicista da Psiquiatria.

Nos diagnósticos psiquiátricos, por vezes contestados, há, com efeito, questões históricas e culturais às quais McGrath não é alheio. Uma das formas pelas quais ele expressa sua posição nessa contenda psicopatológica consiste em sua abordagem da “loucura” no estilo gótico, a partir do recurso a ambientes sombrios, como mansões decadentes, manicômios e paisagens sombrias, por um lado, e a sensações e emoções intensas, por outro lado. Os leitores são, assim, impelidos a um confronto com um “apelo subversivo dessas representações inquietantes da doença mental” e, a partir de sua construção da “loucura”, o autor britânico empreende “uma crítica vigorosa e dinâmica às práticas de exclusão social” (Noad, 2020, p. 74, tradução nossa).

A trama sobre a qual se estrutura *Spider* é extraída da mente densa, complexa e perturbada de seu protagonista, Dennis Cleg, um indivíduo em situação de sofrimento psíquico, supostamente com esquizofrenia, e impactado por um trauma psíquico vivenciado na infância. Embora *Spider* seja também uma história de assassinato e mistério, sua característica mais notável reside nos esforços empreendidos pelo autor para ilustrar como Dennis busca, sobretudo inconscientemente, (re)constituir seu mundo interno por meio da produção de uma narrativa que evolui, fragmento a fragmento, à maneira de um quebra-cabeças (Woods, s/d, §5). Esse quebra-cabeças é representado pela obsessão de Dennis com teias de aranha, um símbolo que remete à sua tentativa desesperada de diferenciar realidade e fantasia. O enredamento das teias de aranha, de acordo com a compreensão proposta pelo presente estudo, é também correlativo ao progressivo entranhamento na confusão que o leitor passa a compartilhar com o narrador à medida que visa à coerência e à coesão.

O contato à teia com a qual Dennis busca (re)estabelecer-se em termos psíquicos nos é concedido por meio de sua memória, pela qual acessamos eventos – ou apenas ficções – de seu passado. Graças às iniciativas bem-sucedidas de McGrath de aproximar o leitor dos estados psicológicos de Dennis, é possível vislumbrar suas alterações mentais. Salientamos que o protagonista é apresentado ao leitor como sendo “uma figura arrastada e aracnídea em um terno surrado” (McGrath, 1990, p. 4), e disso decorre seu apelido. No texto, nota-se também que ele expressa, com frequência, comportamentos de exasperação, desconforto e frustração, sobretudo quando seus delírios são desafiados, e quando ele tenta compatibilizar as demandas oriundas de seu inconsciente e as exigências provenientes de seu entorno.

Por meio dos solilóquios do protagonista, descobre-se que a história tem início quando, após mais de 20 anos internado em um hospital psiquiátrico no

Canadá, Dennis retorna à sua terra natal, East End de Londres, ao norte do rio Tâmesa. Ele é conduzido a uma espécie de casa de recuperação, semelhante ao que atualmente recebe o nome, no Brasil, de Serviço Residencial Terapêutico, localizada a apenas algumas ruas de distância de onde cresceu. O protagonista é acompanhado por outras pessoas que também padecem de sofrimento psíquico, às quais ele se refere como “almas mortas” e “criaturas passivas e apáticas” (McGrath, 1990, p. 5). Esta casa é gerida pela Sra. Wilkinson, uma mulher, que, para o protagonista, é disciplinadora, amarga e vingativa.

A Sra. Wilkinson fomenta tanto dificuldades emocionais em Dennis, quanto desempenha um papel de destaque em suas reminiscências. Como McGrath realça, a internação do então jovem Dennis no Canadá é antecedida por uma tragédia familiar, em torno da qual se materializa a história propriamente dita. Tem-se acesso a essa tragédia já no início do romance, quando o protagonista estabelece uma primeira intersecção entre seu presente e seu passado. Esta intersecção consiste no reconhecimento, por parte de Dennis, de que o sobrenome da mulher a cujos cuidados acaba de ser designado – Wilkinson – coincide com o da mulher supostamente responsável pelo trauma psíquico que estaria por trás de sua internação. Trata-se de Hilda, amante de seu pai.

Ao longo do período em que reside na casa de recuperação, a rotina do protagonista envolve caminhadas diárias aos arredores do East End de Londres, na região onde passou parte de sua infância. Essas caminhadas, ritualísticas, nos parecem ser estratégias aos quais McGrath recorre para exemplificar como Dennis busca ora organizar sua memória mediante o confronto de lembranças fragmentadas e ora fugir de seu próprio caos mental. Vale destacar ainda, que Dennis, quando caminha, frequentemente se senta em um banco perto do Regent’s Canal. O canal pode ser considerado, a nosso ver, uma metáfora da fluidez e inconstância de sua mente. Sentado, em isolamento e desespero, ele, ademais, fuma de maneira repetitiva.

É exatamente na casa em que cresceu que, ainda criança, Dennis vivenciou um trauma psíquico que vai sendo resgatado aos poucos. E assim se nota que ele está centrado em três pessoas: (i) Bill Cleg, pai de Dennis, retratado como uma figura autoritária, agressiva e intimidadora; (ii) a mãe de Dennis, cujo nome não é revelado, por quem o protagonista parece nutrir amor e devoção, e que é apresentada como frágil e subjugada; e (iii) Hilda Wilkinson, suposta responsável pela morte da mãe de Dennis. Às expensas de suas memorações, o protagonista passa a acreditar que seu pai assassinou sua mãe e a substituiu por Hilda, e que, tendo presenciado esse crime, entrou em colapso mental. Logo, ele perde o controle de sua própria história, que se torna cada vez mais confusa: a cronologia dos eventos e a identidade dos personagens passam a se misturar conforme ganha corpo a atmosfera de tensão psicológica da trama. Consequentemente, em dado momento somos

levados, com surpresa, a nos questionar: teria Dennis matado sua própria mãe em meio a um surto psicótico?

De *Spider*, portanto, depreende-se que – como evidenciado por Freud desde seus textos iniciais, como será explicado mais adiante – a memória, para McGrath, não possui uma natureza meramente evocativa. Por extensão, não se sabe ao certo, por exemplo, se Dennis fora internado por ter assassinado sua mãe, ou se ela foi de fato vítima de Bill e Hilda. Tampouco se sabe se cada uma das visitas que Dennis faz a “lugares” de seu passado suscita lembranças ou delírios. Dito de outra maneira: *Spider* testemunha que a rememoração procede uma espécie de recomposição dos dados provenientes das experiências, até porque a memória é inevitavelmente atravessada pelo inconsciente. A propósito, o filósofo francês Henri Bergson, contemporâneo de Freud, seguiu a mesma linha de raciocínio do pai da Psicanálise ao afirmar que “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (1999/1939, p. 30).

Com *Spider*, ainda podemos constatar que o escritor britânico concebe um trauma psíquico como um fenômeno relativo a um acontecimento externo que, devido à maneira como é experimentado subjetivamente, suscita tensões cuja intensidade gera um fluxo que excede as possibilidades de regulação mental do indivíduo. Essas tensões se tornam refratárias à consciência, mas não são simplesmente esquecidas, pois demandam a inserção em um código linguístico através de um processo que envolve a memória, sem reduzir-se à rememoração. Ou seja: o trauma psíquico, para McGrath, precisa ser recoberto por uma narrativa, e veremos que Freud defende um posicionamento semelhante. Consideramos que o diário de Dennis – escondido cuidadosamente por ele – ilustra tal perspectiva. De forma semelhante, aliás, Sklar e Sabbadini (2008) propuseram que os murmúrios do protagonista se afigurariam como tentativas de conectar minúcias emocionais que poderiam constituir o fio de sua existência.

Memória, trauma psíquico e elaboração psíquica na obra de Freud

Em *Projeto para uma Psicologia científica*, Freud (1996/1950[1895]) buscou descrever o funcionamento do aparelho psíquico com base em uma terminologia neurológica, pois ainda não havia estabelecido os postulados psicanalíticos fundamentais. É nesse contexto que o autor diferenciou os neurônios permeáveis, que seriam células perceptivas, dos neurônios impermeáveis, que seriam, por sua vez, células recordativas. Os neurônios impermeáveis, na perspectiva freudiana, constituiriam a memória e se caracterizariam pela capacidade de regular o fluxo de tensões exógenas às quais o psiquismo é submetido, originando representações, ou seja, traços mnêmicos investidos psiquicamente (Peres; Caropreso; Simanke, 2015).

Em suma: conforme o posicionamento de Freud antes mesmo da virada do século XIX, a memória, graças aos neurônios impermeáveis, possuiria um certo caráter inventivo, pois seria capaz de respaldar a atribuição de novos sentidos às experiências (Peixoto; Oliveira, 2012).

Tal posicionamento se complexifica à medida que Freud se debruça sobre as relações entre memória e trauma psíquico e, como consequência, estabelece noções que vêm a ocupar um lugar central no arcabouço teórico psicanalítico, conforme Costa (2019) observa. Compartilhando esse ponto de vista, Moreno e Coelho Júnior (2012) defendem que as formulações freudianas sobre o tema se tornaram indispensáveis para a compreensão do psiquismo sob a ótica da Psicanálise. Não resta dúvida a esse respeito quando se considera que o revolucionário modelo etiológico da histeria proposto por Freud passou por um processo de refinamento que culminou no abandono da chamada “teoria da sedução”. Essa teoria se amparava em descobertas clínicas e sustentava, em linhas gerais, que um evento “real” – tipicamente de natureza sexual e vivenciado com passividade – ocorrido na infância seria a principal origem dos sintomas histéricos que se manifestavam na idade adulta.

No entanto, a natureza sexual desse evento “real” dependeria, para Freud (1996/1896), da significação suscitada por um segundo evento, também “real”, ocorrido, por sua vez, após a maturidade sexual. Mesmo não sendo necessariamente de natureza sexual, esse segundo evento seria responsável por conferir um valor traumático à lembrança do primeiro evento. Tal lembrança, vale destacar, não se encontrava, até então, na “memória normal” do paciente devido a uma operação defensiva empreendida inconscientemente, chamada de recalque, mas, sim, permanecia no psiquismo como uma espécie de corpo estranho, e justamente por isso estaria sujeita a uma eventual irrupção. O tratamento psicanalítico da histeria dependeria, então, fundamentalmente da rememoração do sofrimento psíquico atrelado ao evento “real” e de sua neutralização, às expensas de um processo de descarga emocional que recebeu o nome de ab-reação (Breuer; Freud, 1996/1893[1892]).

Freud renunciou à “teoria da sedução” a partir do momento em que passou a realçar a existência de uma realidade psíquica – composta sobretudo de fantasias e desejos inconscientes – que se distingue da realidade material e, assim, enseja “falsificações da memória” (Freud, 1996/1899). Logo, os sintomas histéricos começaram a ser mais relacionados pelo pai da Psicanálise à vida imaginária do que às reminiscências de um evento “real”, e, por extensão, o trauma psíquico não deveria ser concebido como algo primordialmente concernente a um acontecimento externo. Nota-se, portanto, uma relativização do aspecto fático e da dimensão mnemônica do trauma psíquico (Castilho, 2013). Porém, algumas ideias subjacentes à “teoria da sedução” foram mantidas na perspectiva freudiana, dentre as quais

o reconhecimento de que, em muitos casos, uma suscetibilidade individual é determinante para a conformação de um trauma psíquico.

Em contraste como que se poderia cogitar inicialmente, compreendemos que o modelo teórico do trauma psíquico que emerge da valorização, no pensamento freudiano, das fantasias e dos desejos inconscientes, não minimiza a importância da memória, nem mesmo do ponto de vista clínico, mas, sim, acentua seu caráter inventivo. De acordo com a proposta deste estudo, existe respaldo para essa compreensão na seguinte afirmação, datada da primeira década do século XX: “a tarefa do tratamento [psicanalítico] é eliminar as amnésias. Preenchidas todas as lacunas da memória, esclarecidos todos os efeitos enigmáticos da vida psíquica, tornam-se impossíveis a continuação e mesmo a reprodução da doença” (Freud, 1996/1904[1903], p. 239). Ocorre que, para o autor, toda neurose seria subjacente algum tipo de amnésia.

Cumpramos assinalar que, à época, Freud, como bem colocado por Costa (2019), considerava que a memória se apresentaria à consciência particularmente sob a forma de rememoração, evocação ou reminiscência, transformando o passado recalcado em sintomas histéricos, fóbicos ou obsessivos, bem como em atos falhos, chistes e devaneios. Já em *Recordar, repetir e elaborar*, Freud (1996/1914) defendeu que o tratamento psicanalítico induziria o paciente à repetição de tudo aquilo que ele não se recorda por ter sido alvo do recalque. A repetição, assim, se materializaria a partir de diferentes formações do inconsciente e oportunizaria o despertar de lembranças que, então, se tornariam passíveis de elaboração psíquica. Aliás, é no texto em questão que o conceito de elaboração psíquica aparece pela primeira vez.

Em contrapartida, Laplanche e Pontalis (2000/1982) esclarecem que a elaboração psíquica se refere a operações mentais que já haviam sido contempladas anteriormente por Freud e cujo objetivo básico seria o estabelecimento de conexões associativas em prol do domínio de tensões que acometem o psiquismo. Além disso, os autores pontuam que essas operações mentais podem ser empreendidas pelo inconsciente de maneira natural, e por isso introduziram o neologismo “perlaboração”, para designar a elaboração psíquica que emerge especificamente durante o tratamento psicanalítico.

Cabe aqui retomar o conceito de compulsão à repetição, para salientar que sua aparição, em *Recordar, repetir e elaborar*, tornou mais intrincada a concepção de Freud sobre a memória. Ocorre que tal fenômeno substituiria a lembrança de algo que escapou à elaboração psíquica, de modo que, no tratamento psicanalítico, entravaria seu desenrolar. Mas o psicanalista deve, conforme Freud (1996/1914), estimular esse processo de substituição, para que o manejo da transferência venha a torná-lo inócuo. Como consequência, a repetição será substituída pela rememoração e, por fim, o passado recalcado será impactado positivamente pela perlaboração. Mas não é isso o que se passa com Dennis no romance *Spider*, até porque, ele não recebe tratamento psicanalítico.

Em *Spider*, igualmente, não se observam indícios de elaboração psíquica no protagonista, embora nos pareça razoável cogitar que suas caminhadas pelo East End de Londres suscitam a aparição de lembranças. Afinal, a elaboração psíquica, tal como descrita por Freud, não se dá automaticamente à medida que algo represado pelo recalque se torna acessível à consciência, em especial, quando a referida operação defensiva foi acionada por um trauma psíquico, acompanhando Vahle (2012). A autora ainda esclarece que, nessas circunstâncias, tem-se um cenário particularmente propício à compulsão à repetição. Logo, é possível concluir que, se McGrath, como já mencionado, sublinha a questão da intensidade mobilizada por um trauma psíquico, Freud também o faz, com a diferença de que, a partir da renúncia à “teoria da sedução”, abandona a dicotomia interno-externo que antes orientava sua compreensão acerca do fenômeno em pauta, na linha do argumento que apresentamos anteriormente.

Tendo em vista o que precede, defendemos que, para Freud, e também em certo sentido para McGrath, ao menos com base em *Spider*, a memória possui uma natureza viva, qualidade essa que possibilita a reconstrução de experiências pessoais pretéritas e fomenta a produção de narrativas capazes de auxiliar o indivíduo a se situar no presente e a se projetar no futuro. Como bem observaram Granato, Corbett e Aiello-Vaisberg (2011), narrar é uma atividade humana espontânea, e o já mencionado engajamento de Dennis com a escrita de seu diário ilustra tal fato. Porém, no âmbito de um tratamento psicanalítico, ainda acompanhando as referidas autoras, o paciente não é apenas estimulado, pela associação livre, a rememorar o passado reprimido e, então, a produzir narrativas a respeito. O paciente, para além disso, entra em contato com narrativas sobre ele produzidas interpretativamente pelo psicanalista, o que instaura um diálogo em torno do qual novas perspectivas de vida poderão ser vislumbradas.

Aprofundando esse argumento, referendamos a proposição de Abrantes e Coelho (2022), segundo a qual, em termos freudianos, a elaboração psíquica se afigura como um processo intrapsíquico, ao passo que a perelaboração possui natureza intersubjetiva. é justamente essa distinção que separa a Psicanálise como modalidade terapêutica de práticas clínicas baseadas na sugestão. Afinal, em consonância com Roussillon (2008), a perelaboração tanto equaciona a compulsão à repetição como manifestação de lembranças reprimidas – em particular, aquelas relacionadas a experiências traumáticas – quanto fomenta a superação de diferentes formas de resistência que emergem no transcurso de um tratamento psicanalítico, inclusive aquelas associadas a questões transferenciais.

ALMADA, L. F.
PERES, R. S.
*MEMÓRIA E
TRAUMA PSÍQUICO
NO ROMANCE
SPIDER:
um diálogo entre
Patrick McGrath e
Sigmund Freud*

Considerações finais

O presente estudo não percorreu todos os textos freudianos que versam sobre memória, trauma psíquico e elaboração psíquica, até porque, seria inviável fazê-lo em um único artigo. No entanto, as aproximações aqui operacionalizadas entre McGrath e Freud indicam a existência de similaridades significativas entre o entendimento dos referidos autores sobre a mente humana. Não obstante, recomenda-se estudos posteriores focados na segunda tópica, de modo a ampliar o recorte que definimos para essa oportunidade, mediante a inclusão de textos posteriores a 1920, nos quais, como se sabe, Freud discriminou a existência de três instâncias psíquicas: id, ego e superego. Além disso, recomenda-se a exploração de outras obras do escritor britânico no sentido de levar adiante a interlocução entre a Psicanálise e a Literatura, movimento que tende a se revelar mutuamente enriquecedor ao encampar os thrillers psicológicos de McGrath.

Referências

ABRANTES, Tiago; COELHO, Nelson. Formulações do conceito de elaboração psíquica no pensamento freudiano: apontamentos para um debate. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 33, e200035, dez. 2022.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2ª ed. Tradução P. Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Original publicado em 1939).

BREUER, Joseph; FREUD, Sigmund. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. In: SALOMÃO, Jaime (Org.). **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução C. M. Oiticica; V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 2, p. 39-53. (Original publicado em 1893[1892]).

CASTILHO, Antônio Luiz Pereira. Revisitando o primeiro modelo freudiano do trauma: sua composição, crise e horizonte de persistência na teoria psicanalítica. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 235-250, jul/dez. 2013.

COSTA, Jurandir Freire. Memória e trauma. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 41, p. 103-123, jul/dez. 2019.

173 FOLEY, Matt; DUNCAN, Rebecca. Introduction. In: FOLEY, Matt; DUNCAN, Rebecca. **Patrick McGrath and his worlds: madness and the transnational gothic**. New York: Routledge, 2020. p. 1-18.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma Psicologia científica. In: SALOMÃO, Jaime (Org.). **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução J. L. Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1, p. 333-400. (Original publicado em 1950[1895]).

FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. In: SALOMÃO, Jaime (Org.). **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução M. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 3, p. 287-304. (Original publicado em 1899).

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: SALOMÃO, Jaime (Org.). **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução W. I. Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 4. (Original publicado em 1900).

FREUD, Sigmund. O método psicanalítico de Freud. In: SALOMÃO, Jaime (Org.). **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7, p. 233-240. (Original publicado em 1904[1903]).

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: SALOMÃO, Jaime (Org.). **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução O. C. Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 13, p. 11-162. (Original publicado em 1913).

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. In: SALOMÃO, Jaime (Org.). **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução J. O. A. Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12, p. 159-171. (Original publicado em 1914).

FREUD, Sigmund. Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico. In: SALOMÃO, Jaime (Org.). **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução T. O. Britto; P. H. Britto; C. M. Oitica. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14, p. 321-348. (Original publicado em 1916).

GRANATO, Tania Mara Marques; CORBETT, Elisa; AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. Narrativa interativa e psicanálise. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 149-155, mar. 2011.

GUSMÁN, Marcelo Chapa; DERZI, Carla de Abreu Machado. O trauma e seu tratamento: contribuições de Freud e Lacan. **Subjetividades**, Fortaleza, v. 21, n. 1, e9254, mar. 2021.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. 4ª ed. Tradução P. Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Original publicado em 1982).

McGRATH, Patrick. **Spider**. New York: Vintage Books, 1990.

MORENO, Maria Manoela Assunção; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Trauma: o avesso da memória. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 47-61, jan/jun. 2012.

NOAD, Benjamin E. Madness, tragedy, and the implied reader of Patrick McGrath's Spider. In: FOLEY, Matt; DUNCAN, Rebecca. **Patrick McGrath and his worlds: madness and the transnational gothic**. New York: Routledge, 2020. p. 73-87.

PEIXOTO, Maria Celina Lima; OLIVEIRA, Débora Passos de. O projeto de uma memória freudiana: uma análise acerca da constituição dessa noção nos primórdios da psicanálise. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 35, n. 2, p. 257-275, ago. 2012.

PERES, Rodrigo Sanches; CAROPRESO, Fátima; SIMANKE, Richard Theisen. A noção de representação em psicanálise: da metapsicologia à psicossomática. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 161-174, jan-jun. 2015.

RABATÉ, Jean-Michel. Psicanálise e literatura: por que, hoje? Tradução V. Santos. **Trivium: Estudos Interdisciplinares**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 162-171, dez. 2017.

ROUSSILLON, René. La perlaboration et ses modèles. **Revue Française de Psychanalyse**, Paris, v. 72, n. 3, p. 855-867, dez. 2008.

SKLAR, Jonathan; SABBADINI, Andrea. David Cronenberg's Spider: Between confusion and fragmentation. **The International Journal of Psychoanalysis**, London, v. 89, n. 2, p. 427-432, dez. 2008.

SUSIN, Gabriela. O filme "Spider: desafio sua mente" sob a perspectiva do conceito de personalidade psicótica de Bion. **Psicoterapia Psicanalítica**, Porto Alegre, v. 12, p. 107-116, dez. 2010.

175 TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. **Psyche**, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 115-132, jul/dez. 2005.

VAHLE, Marina de Andrade. **O trauma na obra de Freud**: ramificações conceituais e consequências clínicas. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

WOODS, Tim. **Patrick McGrath biography**. Disponível em: <https://biography.jrank.org/pages/4581/McGrath-Patrick.html>. Acesso em: 7 set. 2024.